

Os tupi-guaranis que migraram para o Peru

ODAIR RODRIGUES ALVES

Com a presença do branco nas costas do Brasil, movendo-lhes guerra, um grupo de 12 a 14 mil índios migrou para o Peru, lá chegando no ano de 1538. Do numeroso grupo, nem dois mil sobreviveram, pois foram dizimados por outras tribos em ferozes combates que lhe moveram por verem seu território invadido por estranhos que falavam outro dialeto. Cerca de 1.500 estabeleceram-se numa aldeia próxima ao rio Amazonas, atingindo o Peru apenas 300, que foram aprisionados pelos habitantes de Moyobamba e de Chachapoyas. E assim acabou-se o sonho desses índios de encontrar terras novas no interior do Continente, onde esperavam ter uma vida pacífica e livre do inimigo branco.

O primeiro autor brasileiro a fazer referência a esse movimento migratório foi Francisco Adolfo de Varnhagen, que descobriu uma carta de Diogo Nunes ao rei português D. João III relatando o fato. Só que Varnhagen, ao relatar o projeto do espanhol Diego Nuñez de Quesada, de varar os sertões do Amazonas até chegar aos Andes, no ano de 1544, confunde este personagem com o outro Diogo Nunes, homônimo, que em 1538 viajou para Machifaro, no Peru, de onde voltou com um índio, sendo este o verdadeiro autor da carta. Segundo o documento, o grupo migratório viveu uma verdadeira odisséia pelos sertões da América do Sul, reduzindo-se pouco a pouco seus integrantes devido aos constantes combates, nos quais morreram mais de dez mil. Eles teriam se deslocado em canoas através de afluentes do rio Amazonas, de um local das costas brasileiras até hoje não determinado, mas que poderia ser Pernambuco, de onde sabe-se que saíram várias levadas de índios rumo ao Maranhão e Amazonas.

Embora o documento sobre essa migração tenha sido encontrado por Varnhagen, outros autores, como Gandavo e o padre Manuel Rodrigues já haviam feito referências a índios brasileiros que chegaram ao Peru, atendo-se porém a puras referências narrativas, sem documentação comprobatória.

A melhor obra sobre o assunto é do francês Métraux, que publicou, em 1927, em Paris, "Migra-

tions historiques des tupi-guarani", onde ele desenvolve um profundo estudo das migrações dos tupi-guaranis brasileiros para o Peru e faz referência a todas as obras a que teve acesso tratando do mesmo assunto.

O DOCUMENTO

Nesse documento, copiado por Francisco Adolfo de Varnhagen do Real Arquivo de Lisboa, Diogo Nunes informa a D. João III sobre a viagem feita ao Peru, fornecendo-lhe o roteiro para se chegar à terra dos incas partindo de São Vicente. Num português arcaico e pouco cuidado, Diogo Nunes diz que, em 1538, ao chegar ao Peru, saiu com um mercador para explorar novas terras, mas o capitão sentiu-se mal no caminho, enviando-o com mais 25 homens a cavalo para devassar novas regiões. Ao cabo de 25 dias chegaram a um local povoado por índios e rico em ouro, pois eles usavam armas e braceletes desse metal. "Depois que desta terra saímos — diz o documento — vieram atrás de nós catorze mil índios para saber que gente éramos. E no caminho se (sic) toparam com outros índios de outro senhor com quem tinham guerra. E os mataram a todos que não ficaram mais do que trezentos vivos, os quais se foram fugindo por um rio acima em umas canoas. E, ao cabo de certo tempo, foram a um povo de cristãos que é (existe) no Peru que se chama Chachapoyas — haverá neste caminho por onde vieram estes índios até o Peru 500 léguas. E estes índios se conheceram com os outros que eu trouxe porque eram todos de uma terra e de um senhor".

O documento descreve, também, as riquezas da terra e o sistema colonialista pelo qual a Espanha transformava as comunidades indígenas em suas tributárias, tomando-lhe um quinto de tudo que produziam. No final se propõe a ir às terras de Machifaro para povoá-las, desde que o rei de Portugal, D. João III lhe fornecesse três navios, armas e munições. Com isso fundaria cinco ou seis vilas naquela região rica de ouro. Mas D. João III estava às voltas com os corsários franceses no litoral brasileiro e não teve condições, ao que parece, de pôr em execução o projeto que o aventureiro Diogo Nunes lhe apresentou.